

Qual o tempo e lugar para o encontro humano na era digital?

What is the time and space for the human encounter beings in the digital era?

Ana Elizabeth Botelho Duarte Coelho*

Resumo : Na atualidade, há um excesso que apressa o processo de desenvolvimento infantil e oferece pouca oportunidade de espaço-tempo para o desabrochar de um ser humano singular e criativo. O desafio está em conciliar a inserção das crianças nessa cultura, que oferta recursos tecnológicos em substituição ao encontro humano, e respeitar as necessidades fundamentais do bebê, transmitindo a ele, ao mesmo tempo, os valores do mundo contemporâneo.

Palavras-chave: Bebê. Desenvolvimento infantil. Singularidade. Estimulação. Relações humanas. Intimidade. Mutualidade. Cultura.

Abstract: Nowadays there is an excess that accelerates the child development process and offers small space-time opportunities for the blossoming of an unique creative human being. The challenge is to conciliate the insertion of the child in this culture that offers technological resources in place of, the human encounter, respecting their basic needs and the same time, transmitting them the values of a contemporaneous world.

Keywords: Baby. Child development. Singularity. Stimulation. Human relations. Intimacy. Mutuality. Culture.

* Psicóloga e psicanalista, membro efetivo da Sociedade de Psicanálise da Cidade do Rio de Janeiro (SPCRJ).

De início, vou ousar inferir que a nossa primeira experiência com o ambiente tende a ser de espanto, susto, uma invasão múltipla de sensações que são confortadas pelo cheiro e pela voz da mãe. E, assim, o susto vai se aplacando gradativamente, e se transformando em admiração, curiosidade e coragem para enfrentar o desafio de viver.

Muitos psicanalistas e estudiosos vêm se dedicando ao estudo do início da vida humana, suas implicações e consequências no complexo trajeto de tornar-se adulto, sabendo que a infância nunca sai de nós.

Para tratar desse assunto fui buscar ajuda em Winnicott, em seu artigo *O Desenvolvimento emocional primitivo* (1945). Entre outras coisas, ele ressalta que para entender esse início é importante considerar o conceito de *preocupação materna primária*, expressão que ele usa para designar a condição psicológica especial da mãe nas semanas anteriores e posteriores ao parto. Um estado de sensibilidade elevada e de retraimento que dá à mãe a condição para fazer a coisa certa, promovendo experiências de intimidade e mutualidade com o bebê.

Para Winnicott, a primeira mamada teórica é uma situação privilegiada onde começam a se estabelecer os primórdios da relação com a realidade. Nas palavras dele:

Aqui está um bebê com uma crescente tensão instintiva. Desenvolve-se uma expectativa, um estado de coisas no qual o bebê está preparado para encontrar algo em algum lugar, mas sem saber o quê. Não há expectativa semelhante no estado tranquilo ou não – excitado. Mais ou menos no momento certo, a mãe oferece o seio. Se a mãe é capaz de se preocupar com sua tarefa, ela é capaz de fornecer um contexto para o início do relacionamento excitado, porque ela está biologicamente orientada para esta tarefa (...) se ela não for boa o bastante neste sentido, o bebê não terá qualquer esperança de tornar-se capaz de manter relacionamentos excitados com objetos ou pessoas naquilo que nós, como observadores, chamamos de mundo real, externo ou compartilhado, ou seja, o mundo não criado pelo bebê.

Em seu artigo *O ambiente saudável na infância* (1968), há um resumo precioso sobre esse momento:

(...) quando mãe e bebê chegam a um acordo na situação de alimentação, estão lançadas as bases de um relacionamento humano. É a partir daí que se estabelece o padrão da capacidade da criança de relacionar-se com os objetos e com o mundo.

O bebê vai se humanizando a partir dessa primeira experiência de intimidade, impregnada de vida e promovida pelo encontro com um outro que acolhe e cuida, criando espaço para a ilusão, a fantasia e a criatividade. Alguém que está sempre por perto, sustentando física e psicologicamente, apresentando o mundo e protegendo, ao mesmo tempo, permitindo que o bebê retorne, quando necessário, a um estado de solidão. A repetição e a continuidade dessas experiências dão oportunidade para a elaboração imaginativa das funções corporais, de si mesmo e do mundo que está fora. E ao mesmo tempo, propicia ao bebê a aquisição gradativa de um senso de segurança.

Estar no mundo fundado por uma vinculação estética que começa pela possibilidade de contemplação da mãe influencia de forma determinante a maneira com que a pessoa vai se movimentar subjetivamente. Essa possibilidade favorece a mutualidade e permite a apreensão de afetos, emoções e sentimentos presentes em um campo intermediário do encontro humano. Nesse campo experimenta-se o sublime. É, também, o campo dos sonhos e da arte.

A experiência estética ocorre desde o início da vida e marca o encontro de uma criança com um outro ser humano. Nela está presente uma gama de sensações corporais que inauguram a qualidade do gesto espontâneo de cada ser.

Nesse processo, o bebê experimenta as diferentes transformações e sensações do corpo; constrói, pela duração dessas experiências, uma noção subjetiva do tempo. Paralelamente, pela continuidade e pelas repetições das experiências de cuidado e de mutualidade com a mãe, ele percebe a possibilidade do devir, da espera pelo mesmo e por algo que pode ser novo e surpreendente. Um movimento de repetição do mesmo permeado por novidade. Esse contato íntimo com a sua corporeidade só ocorre se o ambiente contém condições essenciais de quietude, que propiciem segurança sem situações que provoquem reatividade no bebê.

Diante de uma presença que não lhe exige, o bebê se torna capaz de existir por um período sem reagir. E, nesse tempo, surge um impulso que ele pode sentir como real seu. Esse é um momento que Winnicott chama de *não-integração*. Sabemos que experiências que não atravessam o sujeito podem permanecer em um fazer mecânico que não produz sentido, provocando, futuramente, a sensação de vazio existencial.

A *não-integração* é a precursora da capacidade adulta de relaxar, de apreciar, de contemplar e de ficar a sós. Isso só pode ocorrer se o apoio foi dado pela presença viva e real da mãe desde os primórdios. Só na presença de alguém a criança adquire a capacidade de dispensar essa presença.

Quando nasce um bebê, há um entrelaçamento de passado, presente e futuro, pois a história da família se corporifica. O *infans* vem dotado do que lhe é inédito e é atravessado pelos anseios e esperanças que lhe são depositados. Esse processo constitui a base de sua história individual e de sua singularidade existencial.

Um sujeito que pode se estruturar “sadiamente” se houver um ambiente facilitador adequado terá o desenvolvimento emocional em um percurso que se inicia por uma situação de dependência absoluta e passa por situações de dependência relativa, rumo à independência.

Considerando a complexidade do início da vida humana e, paradoxalmente, a parcela da qual a natureza se encarrega nesse processo, passo agora a refletir sobre o excesso de estimulação vigente na atualidade.

Há tempos li no jornal uma matéria sobre o estudo do neurocientista alemão Manfred Spitzer, diretor médico do departamento de Psiquiatria da Universidade de Ulm. Ele dava a sentença: “Nativos digitais que passam a maior parte do dia plugados são candidatos a desenvolver, desde já, problemas de atenção, memória, e concentração”, mal que batizou como “demência digital”. Spitzer considera ainda que o desenvolvimento cerebral fica desequilibrado, o que pode prejudicar o desenvolvimento social e intelectual. Nosso cérebro é finito. A neuroplasticidade pode ocorrer tanto para o bem quanto para o mal, e o excesso é sempre danoso. Ressalta sua preocupação com o excesso de estimulação observado em nossa cultura.

Na mesma matéria há ainda uma referência ao Dr. Gary Small, da Califórnia, que observa que nativos digitais tendem a ter dificuldades em manter contato visual em uma conversa, o que poderia acarretar grandes prejuízos na capacidade de convívio social.

Faço essa pequena observação apenas para registrar o quanto a estimulação está na pauta das pesquisas científicas. E como é importante uma reflexão. E nós, psicanalistas, o que podemos pensar sobre isso? Que consequências podemos prever para a superestimulação, tão presente no cotidiano de nossas crianças, os pequenos nativos digitais?

O desenvolvimento do bebê e a relação deste com sua mãe estão frequentemente em pauta no meio psicanalítico. No mundo atual, com a rapidez de informações e o desenvolvimento tecnológico de recursos facilitadores (que muitas vezes se tornam complicadores), cabem as perguntas: o que quer um bebê quando nasce? É mesmo necessário preparar o bebê para que, rapidamente, faça suas aquisições sensório-motoras, perceptivas e de linguagem? Ou proporcionar seu

desabrochar de acordo com seu ritmo pessoal e favorecer para que ele fique à vontade no próprio corpo? Ainda é válido suscitar situações de atividade espontânea, sem recursos artificiais e baseadas na relação humana?

Durante muito tempo desenvolvi trabalhos com crianças que apresentavam algum tipo de deficiência. E, mais especialmente, entre os anos de 1995 e 2002, trabalhei em uma instituição pública de reabilitação onde eu coordenava equipes multidisciplinares formadas por fisioterapeutas, fonoaudiólogos, psicólogos, pediatras, neurologistas, terapeutas ocupacionais, assistentes sociais e pedagogos que atendiam cerca de 240 crianças com alterações diversas no seu processo de desenvolvimento, em um trabalho que chamavam de estimulação. Além dessas equipes, havia os educadores de duas creches comunitárias.

Os profissionais da estimulação eram apaixonados pelo que faziam e por conhecer equipamentos e técnicas mais atuais. Ainda hoje é assim, a orientação prevalente é de que as intervenções devem ser realizadas o mais precocemente possível para “aproveitar” o amadurecimento neuronal. Por exemplo: Uma criança com paralisia cerebral ou síndrome de Down, entre outras dificuldades, deveria ser manipulada pela fisioterapeuta, pela fonoaudióloga e ou terapeuta ocupacional para que fossem resgatados, o mais rápido possível, os aspectos sensoriais, perceptivos-motores, entre outros que apresentavam prejuízo. Aos poucos, alguns protocolos precisaram ser alterados. Em certos casos, os atendimentos passaram a ser multiprofissionais, em grupo com a presença das mães e com uma proposta mais lúdica, estimulando o tempo para o surgimento do gesto espontâneo, e com menos manipulação invasiva.

Havia crianças e adolescentes com paralisia cerebral que andavam e até corriam, mas eram corpos sem habitante – a parte física se desenvolvia, mas, frequentemente, a psique não se instalava no corpo. Percebia-se uma dissociação, evidenciando, em alguns casos, uma psicose.

Algumas crianças com deficiência foram inseridas na creche que, até então, só atendia crianças “normais”. A convivência melhorou a autoestima das famílias, e conseqüentemente das crianças. Era visível a diferença no processo de desenvolvimento global. Nas crianças que não tinham prejuízo em seu desenvolvimento, a aceitação da diferença, a solidariedade e a cooperação fizeram com que se sentissem importantes e valorizadas por ajudar os colegas. Cabe esclarecer que elas também usufruíam dos recursos pedagógicos facilitadores, que eram criados a partir das necessidades evidenciadas no cotidiano.

Brincar de pique-pega com a cadeira de rodas, correr, apesar das dificuldades e das necessidades de tratamento, e ter o prazer de enfrentar desafios

ensinou muito a todos nós, confirmando que favorecer o desenvolvimento usando equipamentos e recursos tecnológicos é válido, sim. Mas é fundamental o acesso das crianças às outras crianças, aos materiais e brinquedos do cotidiano da vida infantil, oferecendo-se espaço para que elas possam experimentar livremente o seu corpo, descobrir limites e possibilidades, pedir ajuda quando necessário, brincar, sentir-se existindo como pessoas únicas e integrantes de um grupo social, além de ter momentos de alegria e felicidade. Ao observar essas experiências compartilhadas, é possível afirmar que não existe recurso de estimulação que substitua o encontro humano.

No espaço específico de reabilitação, foi importante um trabalho para preservar a relação espontânea da mãe com seu bebê. Afinal, era preciso viver o luto do bebê imaginado para adotar o bebê real e, gradativamente, proporcionar oportunidades de vida para a dupla, não apenas o tratamento da criança – o que, muitas vezes, oferecia uma promessa falsa de cura, de perfeição e de conserto.

Em meu trabalho de consultório, lido com crianças sem nenhum prejuízo físico ou sensorial, mas que chegam cada vez mais novas com tiques, transtornos alimentares, de comportamento, de aprendizagem e outros sintomas indicadores de angústia e de forte ansiedade. Nesse processo identifico um ponto que chama a minha atenção, que é a falta de espaço para se experimentar e se descobrir como pessoa. Muitas crianças passam um tempo considerável diante das telas. São crianças que não sabem brincar. Há uma pressa dos pais para que elas cresçam rapidamente, fiquem muito espertas, talentosas, falem outros idiomas e tenham muitas habilidades. Elas têm uma agenda cheia de atividades extras, não há tempo para a relação materna e familiar, e a terapia acaba sendo uma terceirização dessa relação. Porém, também funciona como mais um item na agenda lotada.

Os pais de uma criança de 8 anos trazem a queixa de questões alimentares, a mãe reclama da gulodice e voracidade da menina, diz que tem pavor de gente gorda. Pela dinâmica do casal percebo que a mãe é uma tensa vigilante da alimentação da sua família, cuida para que a casa tenha só alimentos orgânicos, tudo muito esterilizado, vindo de fora, em nome da saúde. Diz que o filho menor é o contrário da menina, não aceita comer nada.

Quando conheço minha paciente, constato que não estava acima do peso, mas que era uma criança tensa e infeliz. Contou-me que quando ia a um restaurante japonês e estava saboreando sua comida preferida, na melhor parte a mãe dizia que “chega”, determinava o número de peças permitido e ficava só

olhando e contando o que a menina ingeria. Se fosse batata frita só podia comer cinco palitos; em um restaurante de comida a quilo não podia escolher nada, e o prato vinha cheio de salada. Não podia comprar lanche na cantina do colégio como seus colegas, levava fruta de casa. Sobre isso, comentou: “Não é ridículo? Só eu levo fruta”.

Depois de três encontros para avaliação da criança, fiz uma entrevista com os pais para o contrato do tratamento. Mas, ao chegar o momento de definirmos um horário, a terapia ficou inviável. Era preciso conciliar com a natação, o vôlei, o inglês, o judô. Ressalto que a criança frequenta um dos colégios mais rigorosos do Rio e sofre para ser uma aluna acima da média por perceber que esta é a expectativa de seus pais. Na entrevista de avaliação, a mãe faz o seguinte comentário: “Muitas atividades físicas para gastar e não engordar”. E concluiu sua fala dizendo que achava mais fácil encaixar uma nutricionista, afinal havia concordado apenas com a avaliação psicológica a pedido do pai, que embora estivesse mais sensibilizado com a angústia da filha, não conseguiu enfrentar e argumentar com sua mulher, que achava terapia psicológica uma bobagem. Ela acreditava que quando uma pessoa tem força de vontade consegue o que quer e não precisa de ninguém para isso.

Um menino de 5 anos chega ao meu consultório porque bate sempre nas outras crianças. Os pais não vão à casa de ninguém, nem a festinhas ou shopping, porque ele corre e arranja brigas e confusões. É um menino muito inteligente, seu desenvolvimento intelectual está desproporcional em relação ao desenvolvimento emocional. Tudo é falado para a criança sem filtro, sem considerar que a criança está descobrindo o mundo e que ainda não domina a linguagem simbólica e tem muitas fantasias. Os pais desconsideram as necessidades afetivas da criança, o que prevalece é um excesso de estimulação, privilegiando o intelectual. Exemplo: quando o avô muito querido da criança faleceu, disseram a ele que o avô foi para o cemitério e que foi cremado. Fiquei sabendo disso em uma sessão em que o menino só desenhava fogo e explosões até que me disse chorando que o avô foi cremado no cemitério. A sua imagem mental sobre isso era desesperadora.

Eu teria inúmeros outros exemplos, mas acho que agora vale a pena pensar sobre as necessidades da infância e avaliar a situação das crianças hoje, num mundo em que todos os brinquedos vêm prontos, e na sua maioria dependem de um controle remoto e de uma tela. Não há mais brinquedos de roda, carrinhos de rolimã, bola de gude, pipas, jogo do anel, vestidinhos para as bonecas e outros brinquedos que permitiam que as crianças criassem a par-

tir de suas fantasias, construíssem seus brinquedos e experimentassem seus corpos junto com os de outras crianças.

Winnicott dá muita importância à experiência do brincar condicionada a vivências de ilusão onipotente e à situação de transicionalidade. Nessa perspectiva relacional tão peculiar, Winnicott remete o analista para um lugar mais ativo, mais verdadeiro, onde a pessoa do analista está diretamente implicada, promovendo oportunidades de experiências que favoreçam apropriações singulares.

Sob o ponto de vista econômico, podemos dizer que ele supõe que há uma força vital no organismo humano que está constantemente sujeita a transformações a partir de cada encontro com outro humano e com o meio ambiente.

Na busca de maior conforto, prazer e satisfação imediata, a revolução tecnológica gerou uma intolerância aos ritmos individuais, ao tempo de espera, de frustração e do processo. Tudo deve ser rápido, predeterminado e descartável. Não há tempo a perder com os mistérios, enigmas e paradoxos da vida. A busca de sentido foi trocada pela avidez do consumo e do pragmatismo. O sujeito crítico dá lugar ao sujeito mimético, com o domínio da imagem sobre a essência.

A noção de tempo se constitui no ser humano a partir de uma experiência ilusória que produz ou o encantamento, ou o terror do desamparo. É na dança e contradança entre tempo e espaço, presença e ausência, ilusão e desilusão, que se dá o desenvolvimento progressivo da criança. A partir desse movimento, ela vai se sentindo segura para arriscar um gesto singular. Porque o gesto é uma situação de instabilidade, implica o risco de ser acolhido ou rejeitado e, portanto, demanda um colo, uma presença que sustenta e acredita naquela situação inédita de transformação.

Segundo Winnicott, a capacidade simbólica do bebê surge a partir da oportunidade que ele tem para experimentar seu potencial alucinatório oriundo das necessidades corporais e das tensões instintuais (pulsões). É nesse contexto que ele concebe uma ideia (inicialmente não mental) que poderá satisfazê-lo. Portanto, a alucinação é, muitas vezes, a única saída para preservar a criatividade diante de um ambiente sem um outro que se torna indiferente, invasor ou agressivo.

Segundo Winnicott, podemos pensar em uma grande diferença entre os elementos que “fabricam” a realidade a partir da ilusão, e os que proporcionam experiências que condenam o sujeito ao isolamento. Os primeiros fundam o transicional e inserem o sujeito na cultura. E ainda podem funcionar

como artifícios para lidar com a realidade quando não foi possível, pelas falhas do ambiente, percorrer os meios de se chegar a ela. Os segundos não deixam outra alternativa ao sujeito senão retrair-se em sua bolha narcísica, refugiar-se para se proteger de frustrações precoces e traumáticas que seu aparato psíquico não tem ferramentas para elaborar. E então ele só existe como um ser dissociado, rodeado do que Gilberto Safra chamou de “objetos sem presença, num meio onde se produz tudo... para nada. O que falta é justamente o essencial, o sentido”.

Sobre essa falha ambiental, trago as palavras de Balint:

Em nossa opinião, a origem da falha básica pode ser identificada como uma considerável discrepância nas fases formativas precoces do indivíduo, entre suas necessidades biopsicológicas e o cuidado material e psicológico, e a afeição disponível em momentos relevantes. Isso cria um estado de deficiência cujas consequências e efeitos posteriores parecem ser apenas parcialmente reversíveis.

Ele prossegue, exemplificando o que, em sua visão, seriam as falhas ambientais: “um cuidado insuficiente, deficiente, aleatório, excessivamente angustiante, superprotetor, severo, rígido, muito inconsistente, inoportuno, superestimulante, ou apenas sem compreensão ou indiferente”.

Atualmente existem muitas matérias na internet sobre tudo. Encontrei vários sites de orientação a pais sobre o desenvolvimento e cuidado com os bebês, e escolhi uma observação do Dr. Roberto Cooper sobre estimulação e crianças estressadas que considere atual e valiosa, pois resume em uma linguagem direta, para os pais, aspectos que tentamos abordar neste artigo. Diz ele:

No entanto, por inúmeras razões que vão desde a privação emocional, abandono, carências básicas como alimentação e manutenção da temperatura corporal, até um ambiente familiar violento, incluindo maus tratos, a criança pode estar ou ficar estressada. Certamente os exemplos que dei, extremos, devem fazer com que imaginem que, nestas circunstâncias, faz todo sentido uma criança ficar estressada. Mas, quero chamar a atenção para um produtor de estresse infantil, muito mais sutil, porém não menos perigoso. Falo do tempo, ou melhor, da falta de tempo.

Gilberto Safra, em seu livro *A face estética do self*, debruçou-se com profundidade sobre a importância do tempo na constituição do ser humano. Fala

do interjogo entre tensões e distensões presentes na íntima relação da mãe com seu bebê, no ciclo do sono, das mamadas na cadência do acalanto, e nos elementos sensoriais que estão presentes nessa organização, que forma um primeiro núcleo. Nas palavras de Safra:

Este núcleo sustentado pela mãe ao longo de um período dá ao bebê **duração** em qualidades, levando-o eventualmente a constituir o que poderíamos denominar **tempo subjetivo**. Nesse tempo o bebê existe, com vivacidade, como ser em presença de outro, vivido como parte de si mesmo. É um tempo que por ter surgido a partir do ritmo singular da criança, faz parte de e é seu self. Ele é fruto da continuidade de ser do indivíduo e o retira do vácuo da eternidade e do não-ser. Resgata-o da angústia impensável. Pessoas que não puderam constituir o tempo subjetivo sofreram um desencontro precoce entre seu ritmo e a maneira como o mundo se organizou... Trata-se de um ponto focal para o estabelecimento de um conflito com a realidade, o que tem sido chamado na literatura psicanalítica de núcleo psicótico.

Para Safra, se o tempo subjetivo foi bem constituído, o bebê pode então ir evoluindo para entrar em um tempo compartilhado, e a seguir um tempo transicional (o de faz de conta, do encantamento). É o tempo das potencialidades, do que está para acontecer, dos recursos e anseios do *self*. E assim com o processo maturacional ao longo do tempo, o indivíduo identifica-se com o processo de vir a ser. “Deixa de ser alguém com uma história para ser uma pessoa em história”.

Educar crianças da mesma forma com que vivemos: isto é, sem tempo para nada, torna-se um importante ponto de reflexão, pois uma criança tem necessidade de brincar para que seu pleno desenvolvimento ocorra de maneira saudável. Brincar não necessariamente com brinquedos sofisticados, eletrônicos. Brincar como um ato espontâneo, que tem espaço para criar o inédito. Por exemplo: onde um pedaço de pano se transforma em uma cabana, uma caixa vira uma casa, um botão em um pequeno animal que está sendo perseguido por uma garrafa que, na verdade, é um dinossauro.

Esse brincar só tem uma necessidade: tempo. Tempo para nada, só para brincar. Não é um tempo cuja produtividade vá ser medida no momento da brincadeira, mas cujo reflexo se perceberá na vida adulta. Uma criança que tem tempo para brincar, sem que seja na aula disso ou no curso daquilo, desenvolve capacidades fundamentais para uma vida adulta saudável e criativa. A criança que cria brincando suporta frustrações, aprende a encontrar alternati-

vas inéditas com o pouco material que tem. A criança que brinca se torna mais analítica, é capaz de avaliar as variáveis que tem em mãos e gerar soluções (criativas). Ao brincar, a criança tem a oportunidade de elaborar vivências de seu cotidiano e experimentar suas emoções sem se sentir ameaçada por elas. A criança que tem tempo para brincar não está submetida a uma agenda rígida, com compromissos e exigências que geram uma descarga contínua de adrenalina (estresse). O brincar com tempo, sem exigências de performance ou metas, em um ambiente acolhedor e carinhoso, é um dos melhores caminhos para prevenir entraves no desenvolvimento e estresse infantil.

Não me parece razoável ouvir pais orgulhosos porque trabalham muito e não têm tempo. Não é aceitável impor um estresse desnecessário para as crianças.

Penso que estimular crianças é deixá-las se desenvolverem no ritmo delas, sem tentar acelerar etapas. É respeitar a diferença entre irmãos ou crianças da mesma idade. É fazer as refeições em família, ao menos nos finais de semana. É sair de casa e dar oportunidade para a criança sentir e experimentar a natureza, e não ficar vendo filmes educativos em inglês. Estimular é desligar um pouco a TV e o computador, é ir ao encontro das crianças – cantar, dançar, ouvir e conversar. Talvez descubramos algo incrível: os estimulados seremos nós, também!

Para finalizar, penso que a superestimulação está na contramão da construção do *self*, do sentimento de continuidade de ser e dos sentidos ofertados pelo encontro da mãe com seu bebê. Pois o olhar da mãe deve estar focado no que o bebê tem de seu à espera de ser validado no encontro, e não no que o bebê não tem e ela quer que o ambiente supra. Uma estimulação nesses moldes pode ser muito invasiva e impedir que o bebê crie o mundo, se sinta existindo e torne-se uma pessoa em história.

Ana Elizabeth Botelho Duarte Coelho

abeth106@gmail.com

Referências

ABRAM, J. *A linguagem de Winnicott*. Rio de Janeiro: Revinter, 2000.

BALINT, M. *A falha básica*. São Paulo: Zagodoni, 2014.

BIRMAN, J. *O sujeito na contemporaneidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

DIAS, E. O. *A teoria do amadurecimento de D. W. Winnicott*. Rio de Janeiro: Imago, 2003.

SAFRA, G. *A face estética do self*. São Paulo: Idéias e Letras, 2005.

_____. *A po-ética na clínica contemporânea*. São Paulo: Idéias e Letras, 2004.

WINNICOTT, D.W. *Da pediatria à psicanálise*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

_____. *Os bebês e suas mães*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

_____. *Natureza humana*. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

_____. *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983.